

O Espaço é o Lugar: O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa¹

Paula Gésero²

Universidade Técnica de Lisboa

Resumo: O Martim Moniz é, atualmente, uma das zonas de Lisboa marcada pela diversidade social, étnica, cultural e geracional, concentrando-se ali um número expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira. Os movimentos migratórios constituem um traço importante no crescimento e transformação urbana, configurando-se como um dos maiores agentes para a sua mudança social, económica e espacial. Esta análise pretende demonstrar que essas alterações se estendem, igualmente, à paisagem urbana (física e móvel) e à imagem da cidade. A zona do Martim Moniz emerge como um dos palcos da vibrante *migrantscape* de Lisboa.

Palavras-chave: Imigração; Martim Moniz; *Migrantscape*; Paisagem Urbana.

¹ O texto que aqui se apresenta constitui parte de um capítulo da dissertação de Mestrado Integrado para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, intitulada *Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes – O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa*, amavelmente orientada e coorientada, respetivamente, pela Professora Doutora Isabel Raposo (Urbanismo) e pela Professora Doutora Manuela Mendes (Sociologia).

² Arquiteta e Mestranda na Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa (Lisboa, Portugal).
Blogue: <http://cvpgesero.blogspot.com/>. E-mail: paulagesero@gmail.com.

Cabeleireiros africanos, brasileiros e chineses; lojas “dos chineses” e “dos indianos”; supermercados brasileiros, chineses, muçulmanos e russos; mesquitas sunitas e ismaelitas, sinagogas, templos hindus e *sikhs*, igrejas ortodoxas e anglicanas; carne *halal*, comida *kosher*, cachupa, moqueca, sushi e chamuças; restaurantes de culinária de origem europeia alemã, belga, inglesa, francesa ou russa, mediterrânica, espanhola, italiana, grega ou israelita, cozinha árabe, turca, libanesa e marroquina, culinária africana, angolana e cabo-verdiana, centro e sul-americana cubana, argentina, brasileira, mexicana e uruguaia e cozinha asiática balinesa, tailandesa e malaia, japonesa, chinesa e chinesa-macaense, coreana, indiana, indiana-goesa ou indo-chinesa; festas do cinema francês, italiano, brasileiro e japonês (Público, 2011); discotecas de música angolana, cabo-verdiana e brasileira. Trata-se de uma miríade de cores e texturas, sons, paladares e cheiros que, ao contribuírem para a construção de uma imagem e paisagem urbana das cidades, nos transportam para quase todos os cantos do mundo.

Numa tentativa de melhor entender, conhecer e tornar mais visível a contribuição dos imigrantes e da sua diversidade étnica, social, cultural, religiosa e linguística no aumento e na diversificação da riqueza da paisagem urbana, será o tema deste artigo uma introdução à perceção do complexo processo da transformação e configuração da paisagem urbana pela ação e presença dos imigrantes, centrando-se num estudo de caso – a zona do Martim Moniz / Bairro da Mouraria, em Lisboa.

Com o auxílio de análises e reflexões de outros autores sobre temas correlacionados, parte-se do reconhecimento dos efeitos resultantes da presença dos grupos imigrantes como fator acrescido na formação, na constituição e no desenvolvimento da imagem e da paisagem urbana da cidade. Neste contexto, o estudo exposto na dissertação de mestrado referida, constitui-se por uma reflexão e equação de quais os indicadores físicos, sociais e simbólicos que contribuem para a perceção desta transformação e configuração da paisagem urbana por grupos imigrantes na cidade, em geral, e no lugar do Martim Moniz, em particular, tendo sido feita uma abordagem, ao mesmo tempo, teórica e empírica, utilizando uma metodologia qualitativa, com recurso a técnicas de recolha e de análise bibliográfica e iconográfica, bem como a observações do local escolhido e a entrevistas a alguns dos atores locais da zona em estudo.

Neste artigo irá ser feita, em primeiro lugar, uma pequena introdução contextual do conceito operacional proposto, seguindo-se, num segundo e num terceiros pontos, as duas diferentes interpretações do conceito de “lugar”, tomando como referente o local de estudo, a zona do Martim Moniz em Lisboa. Finaliza-se num último quarto ponto, com algumas conclusões aferidas pela investigação supracitada.

1. Configuração da Paisagem Urbana pelos Imigrantes: uma *Migrantscape*?

Na disciplina do urbanismo, Gordon Cullen, em 1961, introduziu a noção de “*townscape*”. O termo está relacionado com o modo como entendia a cidade que, para além de ser uma “organização funcional, viável e saudável” é, em primeiro lugar, uma “ocorrência emocionante no meio-ambiente” (Cullen, [1961] 2008: 10). Este “ambiente”, segundo o autor, pode ser percecionado através de dois pontos de vista que, parecendo em princípio concorrentes, são na verdade complementares: um primeiro, de carácter objetivo, em que “através do senso comum e da lógica baseadas nos princípios benevolentes da saúde, amenidade, conveniência e privacidade” a cidade pode ser construída; e um segundo, de carácter completamente “subjetivo”, é “a execução da criação empregando os valores subjectivos daqueles que habitarão [esse] mundo criado” (*idem*: 195).

Assim, é a partir de três aspetos que a “paisagem urbana” pode ser percecionada: o primeiro, a “visão serial”, a paisagem urbana “surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas” (*idem*: 11); o segundo ponto de vista, relacionado com a nossa posição no espaço, a cidade passa a ser “uma experiência eminentemente plástica”, um “percurso através de zonas de compressão e de vazio, constaste entre espaços amplos e espaços delimitados, alternância de situações de tensão e momentos de tranquilidade” (*idem*: 12); finalmente, o terceiro aspeto relaciona-se com a “própria constituição da cidade”, ou seja, “a sua cor, a sua textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza” (*idem*: 13). Através de características e de categorias determinadas, e auxiliado por numerosos exemplos práticos em cidades de quase todo o mundo, o autor listou os elementos que compõem a “*Concise*

Townscape”, reivindicando para ela justamente uma contribuição “para o levantamento da estrutura do mundo subjectivo” (*idem*: 196).

Também para os sociólogos Robert E. Park e Ernest W. Burgess ([1925] 1967), dois dos fundadores da “Escola de Chicago”, a cidade é “algo mais do que um conjunto de indivíduos e de vantagens sociais: mais do que uma série de ruas, edifícios, luzes, elétricos, telefones, etc., algo mais, também, do que uma mera constelação de instituições e campos administrativos: tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de toda a espécie. A cidade é principalmente um estado de espírito (*a state of mind*), um conjunto de costumes e tradições, com os sentimentos e atitudes inerentes aos costumes, e que se transmitem pela tradição. A cidade, por outras palavras, não é apenas um mecanismo físico ou uma construção artificial. Está implicada no processo vital da população que a compõe; é um produto da natureza, e em especial da natureza humana” (Park e Burgess, [1925] 1967 *in* Goitia, [1982] 2010: 32).

Igualmente para o geógrafo português Orlando Ribeiro (1968), as identidades e as imagens das cidades são algo mais que os seus traços morfológicos, espaciais ou funcionais, delas fazendo parte, igualmente, o seu colorido, os seus odores e as suas sonoridades próprias (Ribeiro: 1968 *in* Fortuna: 1999b: 106). Assim, e para além de muitas outras “paisagens” que não importam tanto para este debate, existem ainda as “*soundscares*” (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b) e as “*smellscapes*” (Porteous, 1985 e Fortuna, 1999a).

Justamente no sentido da continuação deste debate ir-se-á contribuir com um neologismo, que se pretende que opere uma espécie de cristalização do objeto de estudo, a configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes. Partindo da noção de “paisagem urbana” de Cullen (1961), é intenção desta análise situar a “*migrantscape*” como uma categoria da “*townscape*”, ou seja, como se de um “elemento estranho” se tratasse, ou uma “nova qualidade” que, trazida por estas novas populações imigrantes, se sobrepõe, imbrica e convive, interligando-se, e de certa forma, sendo igualmente assimilada e assimilando a paisagem urbana autóctone das nossas cidades. À semelhança da “*townscape*”, são considerados dois pontos de vista nesta conceção. Um, mais objetivo, em que se inserem os “elementos fixos”, os “elementos arquitetónicos característicos das regiões de origem dos imigrantes, locais de culto religioso, organização interna das habitações, pátios, janelas,

varandas, jardins e diversos elementos decorativos”, tais como dragões, balões de papel, pórticos em tons dourados e vermelhos, publicidade nas fachadas pintada à mão ou nas línguas originais, etc., que podem ser mais facilmente observados nos “múltiplos estabelecimentos de comércio étnico”, tomando a lista de Lucinda Fonseca (2008a: 73). Outro, mais subjetivo, onde se incluem os “elementos móveis”, tais como a “variedade das formas de vestuário”, os “cheiros e sabores das comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo”, as “sonoridade das línguas que se ouvem nas ruas e noutros espaços públicos”, a música e as “formas de expressão artística e cultural transportadas de países e regiões dispersas por todo o planeta” (*ibidem*), ou as “*smellscapes*” e “*soundscape*s” imigrantes, assim como a convivência e a interação social entre os grupos imigrantes e as populações nacionais.

Esta “*migrantscape*” é, também, uma “paisagem vernacular” já que também ela, ao processar-se na vida social, pode ser uma ilustração da evolução e do estabelecimento, refletindo o caráter físico, biológico e cultural do quotidiano, dos grupos imigrantes na sociedade de acolhimento. Reflete, igualmente, os fenómenos transnacionais e interculturais derivados da difusão espacial globalizada das comunidades étnicas da “*ethnoscape*” de Appadurai (1996), assim como podem ser encarados os elementos móveis e fixos, como uma territorialização das memórias das minorias étnicas imigrantes da “*ethnoscape*”, de A. D. Smith ([1988] 2002).

Finalmente, é também uma “paisagem multicultural”, no sentido em que, na mesma paisagem urbana, coexistem marcas distintas de vários grupos étnica, social e culturalmente diferenciados.

2. O Espaço transforma-se em Lugar

Nesta análise adota-se esta abordagem ambivalente do conceito de “lugar”, tomando como referente o “lugar do Martim Moniz” enquanto construção social e espacialização das experiências dos indivíduos que o habitam, sendo flexível, elástico e plástico, e sendo ainda possível concebê-lo, conceptualmente, como “*migrantscape*”.

2.1. O Lugar é vivido, representado e representante

Na psicologia ambiental, o “espaço” é considerado como possuindo dimensões e formas bem definidas sendo, por isso, geométrico, e o “lugar” como sendo a percepção pelos sentidos em que estão envolvidos os sentimentos, sendo, por isso, uma percepção psicológica individual (Rio, 2003: 11). O “espaço” é, assim, em primeiro lugar, percecionado, e depois, através da atribuição de significados, transformado em “lugar”. Deste modo, para o psicólogo suíço Jean Piaget ([1947] 2004), a percepção ou o conhecimento do ambiente (ou espaço) é dividido em dois tipos. O primeiro tipo é o relacionado com o saber figurativo, no qual o homem se relaciona com os lugares por meio de esquemas simbólicos e abstratos e que representam as relações que tem com o ambiente. O segundo está relacionado com o saber operativo sobre os lugares, no qual o homem se relaciona com os lugares através de uma noção operativa, mais profunda no sentido do conhecimento das relações entre os elementos que o constituem (Piaget, [1947] 2004: 119, 120). Para o psicólogo David Canter (1977), por sua vez, a percepção ou conceção de um lugar é combinada individualmente, estando dependente da interseção de três esferas de percepção do ambiente construído: os atributos físicos do espaço, as atividades nele desenvolvidas pelos sujeitos e as conceções individuais (Canter, 1977).

Na disciplina de Urbanismo, a formação do espaço é caracterizada pela percepção de uma série de elementos fixos e móveis, através da visão e de sentimentos de identificação conferidos ao seu conteúdo. Deste modo, para Lynch ([1960] 1996), na formação da imagem do espaço ou do meio-ambiente, para além dos efeitos de elementos físicos perceptíveis, são concorrentes na sua definição, o “significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome” (Lynch, [1960] 1996: 57). Para Cullen ([1961] 2008), como já referido anteriormente, a “paisagem urbana [do lugar]”, é percecionada a partir de três aspetos fundamentais, a “óptica”, o “local” e o “conteúdo”. “A visão permitiu constatar que o movimento não é apenas [uma] progressão facilmente mensurável e útil para a planificação, mas [que] se divide em duas componentes distintas: o ponto de vista e a sua imagem emergente. O homem tem em todos os seus momentos a percepção da sua posição relativa, sente a necessidade de se identificar com o local em que se encontra, e

esse sentimento de identificação, por outro lado, está ligado à percepção de todo o espaço circundante” (*idem*: 14).

O processo de atribuição de significados ao espaço público urbano, a montante, e à paisagem urbana, a jusante, pode ser, igualmente, observado através de variados pontos de vista.

Assim, na Antropologia, e tomando como exemplo os estudos realizados pela antropóloga Marlucci Menezes (2009) acerca da noção de lugar como resultado da atribuição de significados ao espaço, denota-se que é através das práticas sociais que os significados do espaço público urbano são configurados e reconfigurados (Menezes, 2009: 303). Esta atribuição de significados ao espaço é feita através de um “conjunto de operações que colocam em relação o masculino e o feminino, a casa e a rua, o privado e o público, o local e o global, o jovem e o velho, o nós e os outros, o sagrado e o profano, o tempo e o espaço, o quotidiano e o extraordinário, o lazer e o trabalho” (*ibidem*). Neste processo de construção social do espaço, tanto os significados atribuídos, como as representações produzidas, resultam de uma combinação de variados fatores: o controlo estatal, a influência do poder económico, os valores culturais distintos, as formas de uso e de apropriação do espaço, as visões de ordem social e de comportamentos apropriados, assim como o próprio desenho do espaço e “os diferentes significados simbólicos e afectivos que se encontram em jogo” (*ibidem*).

Por conseguinte, os habitantes e os utilizadores da zona, ao estarem, emocional e culturalmente, ligados ao lugar, concedem significados ao espaço geométrico, transformando-o no lugar da Mouraria ou no lugar do Martim Moniz, consoante se é nacional “de dentro” do bairro, ou estrangeiro “de fora” do bairro (imigrante ou autóctone), respetivamente. O espaço tem, assim, uma qualidade de “*multilocality*” (Rodman, 1992), na qual “uma única paisagem física pode formar e expressar significados polissémicos de um lugar para diferentes utilizadores” (*idem*: 647).

Em Sociologia, por exemplo, é de trazer a debate a perspectiva de Sharon Zukin (1996), que se centra na importância da economia simbólica, enquanto “representações de grupos sociais e meios visuais de exclusão ou inclusão em espaços públicos e privados” nos quais “a negociação interminável de significados culturais no edificado – em edifícios, ruas, parques, interiores – contribui para a construção das identidades sociais” (Zukin, 1996: 43

in Krase, 2004b). O sociólogo Mark Gottdiener (1994) realça a importância da decifração da complexidade dos significados da metrópole através da semiótica espacial, definida como o “estudo das culturas que liga os símbolos aos objectos” (Gottdiener, 1994: 16 in Krase, 2004b). Assim, um estudioso desta disciplina reconhecerá que os significados sociais e culturais estão ligados às paisagens urbanas, bem como às pessoas e às atividades observadas no local, sendo a noção mais primária no estudo urbanístico, justamente o espaço de assentamento que é mutuamente construído e organizado (*idem*). Isabel Guerra (2008) evidencia a relevância da noção de espaço público enquanto uma das variáveis estruturantes dos modos de vida e reflexo das formas de organização social da sociedade. Assim, e embora esta não seja uma variável explicativa por si própria, o espaço público é como uma “sala de visitas” da vida coletiva, refletindo os projetos, as opções, os valores e os conflitos da sociedade em que se insere (Guerra, 2008).

Assim, poder-se-á argumentar que, naquela zona, os habitantes e os utilizadores imigrantes e nacionais, ao atribuírem também eles significados e simbologias ao espaço, transformando-o em lugar, tornam-se eles próprios nos produtores de espaço (Lefebvre, [1974] 1991). O lugar do Martim Moniz é, por conseguinte, não só vivido pelos seus habitantes e utilizadores, mas também mutuamente representado e representante, pois ao estarem ligados ao espaço emocional e cultural, atribuem-lhe significados e símbolos que, simultaneamente, mostram e refletem os seus projetos, opções e valores, ou seja, o sujeito tem um papel ativo na transformação e construção do espaço.

3. O Lugar é conceptualizado

Toma-se, agora, o ponto de vista no qual a noção de “lugar” é entendida como o cenário de localização dos conceitos, particularmente neste caso, do conceito de “*migrantscape*”. Igualmente, esta abordagem pode ter dois pontos de vista concomitantes que se completam, pois pode, simultaneamente, ser o palco (onde a “*migrantscape*” acontece e se desenrola) e o cenário (onde a “*migrantscape*” é observada) da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes, sendo também deste modo, vivida, representada e representante.

3.1. Localização da “migrantscape” no Martim Moniz

Para Jerome Krase (2004a, 2004b, 2009), que tem estudado e analisado a forma como as “pessoas comuns” modificam os significados dos espaços e lugares ao alterarem o seu aspeto, é possível observar, nos “bairros de imigrantes e étnicos” (como a Mouraria e Martim Moniz, por exemplo), que ocupam uma posição nos sistemas nacionais e globais, que “o mais insignificante elemento da população urbana” pode tornar-se no agente social da reprodução local de relações sociais regionais, nacionais e globais (Krase, 2004b). Deste modo, “quando os imigrantes alteram o território que lhes é permitido, tornam-se, simultaneamente, parte da paisagem urbana transformada” (*idem*). Segundo o autor, a criação de imagens transforma-se na sua representação, exemplificando, deste modo, o processo em que as “práticas materiais espaciais” de Lefebvre ([1971] 1991) se transpõem de “representações do espaço” para “espaços de representação” (*idem*).

Dá-se, assim, o aparecimento das “Etni-Cidades” (“*EthniCities*”) (Roseman, Laux *et al.*, 1996), entendido como uma consequência da reestruturação política e económica (em consequência, por exemplo, da “globalização”), provocando um aumento na diversificação do capital e, conseqüentemente, na mobilidade de trabalho. Estas cidades estão associadas a fenómenos como “migrações internas, migrações internacionais regionais, migrações globais, migrações ilegais e migrações de refugiados” (Roseman *et al.*, 1996: p. xviii *in* Krase, 2009: 21). Tal é o caso do bairro da Mouraria e da zona do Martim Moniz, pois tomando em linha de conta a sua história demográfica mais recente, convivem ali, simultaneamente, quer autóctones, quer indivíduos provenientes das regiões rurais do país, quer indivíduos provenientes de países da União Europeia, assim como de outros países do mundo, havendo pessoas com estatuto regularizado e outras com o seu estatuto não regularizado.

Os grupos imigrantes têm tido uma longa tradição na escolha da zona para se instalarem (cerca de trinta anos) e, atualmente, são as populações estrangeiras as mais visíveis “passando a ser os principais utilizadores deste espaço público” (Malheiros, 2008: 150). Deste modo, e gradualmente desde os finais dos anos setenta, o Martim Moniz “passou a ser um ponto de referência para estas populações, quer porque a sua oferta comercial se dirige aos segmentos menos solventes da população (em que estão sobre

representadas as minorias étnicas), quer porque já estavam instalados alguns comerciantes não portugueses” (*ibidem*).

Assim, considerando a perspectiva de Krase (2004a), na qual a definição de comunidade é vista “não como uma entidade real, com substância física e atributos”, mas como “uma realidade social” que pode ser “confirmada através da observação e interpretação de referências simbólicas”, resultando deste modo numa transformação do “objecto empírico para uma possibilidade fenomenológica” (Krase, 2004a: 157), forjando-se aqui o conceito de “*migrantscape*”.

Serão, igualmente, englobados pela noção de “*migrantscape*”, através dos seus símbolos e significados, a ilustração dos seus limites temporais, bem como das tendências das existências simultâneas entre localização e globalização, heterogeneidade e homogeneização, na paisagem urbana do Martim Moniz (Costa, 2002).

Deste modo, tal como Hirsch sustenta (1995: 1), o conceito de “*migrantscape*” resulta de um determinado ponto de vista objetivo do lugar do Martim Moniz em que se considera a “suposição de que os países personificam a sua própria e distintas cultura e sociedade” (Low e Lawrence-Zúñiga, 2003: 28), no sentido em que se tomam como alóctones, todos os elementos físicos (no edificado) e simbólicos (nos significados) na paisagem urbana que não pertencem à paisagem urbana “matricialmente portuguesa”.

No entanto, no sentido de uma ilustração possível dos limites temporais do conceito proposto, e para além do ponto de vista de Tiryakian (2003), no qual as sociedades multiculturais historicamente sempre existiram, é intenção sustentar a afirmação de que, tivesse esta investigação sido realizada e observada noutra contexto urbano ou realidade cultural, como, por exemplo, o continente asiático ou o africano, porventura fará sentido considerar como “*migrantscape*” as marcas urbanas físicas e simbólicas no tecido e no edificado deixadas pelos portugueses e por outras culturas “ocidentais”, aquando da ocupação daqueles territórios pelos ex-colonizadores.

Entende-se que esta “*migrantscape*” no lugar do Martim Moniz, e em concordância com Hirsch (1995), não é uma “paisagem absoluta”, isto é, a sua hermenêutica depende do contexto cultural e histórico em que se insere, sendo um processo que se desenrola entre o “lugar e o espaço, o dentro e o fora, a imagem e a representação” (Hirsch, 1995: 23).

Igualmente se recupera o termo de “*ethnoscape*” de Appadurai (1996) e de Smith ([1988] 2002). Lembra-se que é visto, pelo primeiro autor, como uma descrição dos fenómenos transnacionais e interculturais, derivados de mudanças globais na sociedade realizadas pela espécie humana e tratando da difusão espacial globalizada das comunidades étnicas (Appadurai, 1996 *in* Schetter, 2005: 2), e, pelo segundo autor, como uma “territorialização da memória étnica” ou “a crença compartilhada por grupos étnicos num quadro comum de origem espacial” (Smith, 1988 *in* Schetter, 2005: 2). Poder-se-á argumentar que a “*migrantscape*” é, deste modo, simultaneamente local e heterogénea, global e homogénea.

A *migrantscape* é local e heterogénea porque, constituindo-se como uma categoria da “*townscape*” de Cullen ([1961] 2008), sobrepondo-se, imbricando e convivendo, sendo assimilada e assimilando a paisagem urbana autóctone do lugar do Martim Moniz, consequentemente, única e composta por várias partes.

As características físicas deste território, nomeadamente a idade e o estilo (mais ou menos) “quinhentista”, “pombalino” (Ferreira, Carvalho *et al.*, 1987) ou “moderno” ou “pós-moderno” na volumetria e nas configurações exclusivas do seu edificado, mas particularmente na sua localização em relação à exposição solar e na sua topografia acidentada, que resulta num urbanismo sinuoso muito específico, assim como o grande vazio da Praça do Martim Moniz (considerado por alguns dos entrevistados³ como um “jardim” ou uma “alameda”), são completamente locais, contextuais e inerentes àquela zona da cidade.

A estrutura da matriz predial, resultante de quase nove séculos de ocupação permanente, é também muito característica do lugar, pois resulta, não só numa alta densidade de construção, mas também, e particularmente nas ruas com ocupações urbanas comerciais, em lotes relativamente pequenos, que provocam uma configuração retangular e um ritmo perfeitos nas fachadas dos edifícios, pois, ao originar uma multiplicação de

³ Na investigação supra-citada, utilizou-se como metodologia de investigação uma abordagem, simultaneamente, teórica e empírica, de acordo com o proposto por Raymond Quivy (1998). Nas dezanove entrevistas realizadas, no sentido de conhecer e avaliar as opiniões de residentes, comerciantes e visitantes nacionais sobre o entendimento e percepção da evolução da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes, utilizou-se o formato da entrevista semi-directiva, tendo a sua análise sido efectuada através de técnicas de exame de conteúdos temáticos, cruzando as várias opiniões e procurando uma leitura exógena das mesmas.

diferentes espaços comerciais, resulta naquilo que Gehl (2010 e 2011) identifica como as bordas ou arestas suaves da cidade (“*soft edges*”), indispensáveis para a vida vibrante na cidade (“*lively city*”) (Gehl, 2010: 75).

Igualmente, nas características subjetivas, e tomando a classificação de Cullen ([1961] 2008) na sua categoria “local”, que diz respeito às reações dos humanos perante a sua posição no espaço (*idem*: 11), pode-se encontrar muitas e variadas perceções, mais um vez, únicas daquele território.

É possível, então, enumerar algumas dessas características. Assim, é exequível considerar a zona como uma das unidades urbanas (*idem*: 29) da cidade, desnivelada, com os seus recintos exteriores delimitados, dos quais é possível ter uma vista exterior ou as perceções do aqui e além; com os seus pontos focais ou as suas áreas de viscosidade; nas suas ruas, existem saliências e reentrâncias, estreitamentos, muitas delas são onduladas, parecem ser muitas vezes misteriosas e com vãos insondáveis; a Praça do Martim Moniz, com o seu pavimento diferenciado tem, uma perspetiva grandiosa estando truncada, por sua vez, através de um edifício barreira, a vista da silhueta do bairro da Mouraria. Finalmente, em várias ocasiões festivas, quer a população local, quer outras entidades, promovem várias iniciativas que contribuem fortemente para “animar” a face urbana da zona (*idem*).

Também os elementos sonoros, odorantes ou de textura são singulares. Tomando como exemplo as perceções de um indivíduo cego, para o qual os sentidos da audição, do tato ou do olfato (os recetores “à distância” e “imediatos” referidos por Hall, [1966] 1986: 56) têm uma importância fulcral para a perceção do ambiente que o rodeia, o lugar do Martim Moniz é composto por elementos exclusivos. Assim, o tal indivíduo cego, português e de Lisboa, não se deixaria enganar quanto ao local onde estava, pois será porventura o único em que a multiplicidade das sonoridades das línguas ouvidas, em conjunto com determinados odores e texturas próprias, o caracterizam de tal maneira singular, que deixa de ser confundido, por exemplo, com outros “bairros históricos” ou outras zonas da cidade.

Certas características do lugar do Martim Moniz, como odores menos agradáveis a urina, a anormal quantidade de insetos voadores dípteros em dias quentes ou a clareza na audição devido à quase ausência de trânsito automóvel, não lhe são únicos, mas certamente que a textura dos seus passeios em calçada portuguesa daria, imediatamente, a pista ao

indivíduo cego do exemplo, que se encontrava, pelo menos, em Portugal. Pormenores sonoros, tais como os trinados de pequenos pássaros presos em gaiolas penduradas nas varandas, o som do bater das asas e do arrulhar dos pombos, um longínquo bater dos sinos às horas certas, as vozes e os instrumentos musicais gravados que se ouvem a tocar o fado ou outras expressões musicais tradicionais de diferentes países, o som metálico das rodas dos carros elétricos ou da suas campainhas, e o invisual poderia vir a concluir que se encontrava num ambiente urbano neste país.

Cruzados com todos os outros sons, ouvem-se as línguas latinas, arábicas, “sâncritas”, “mandarinas” ou eslavas. A língua portuguesa é exprimida, também, com múltiplos sotaques. Além de se poder considerar a existência de um sotaque próprio no português ouvido em certos “bairros históricos” de Lisboa (Lindegaard, 2008), misturam-se no Martim Moniz, os sotaques angolano, moçambicano, guineense ou cabo-verdiano, brasileiro, chinês, indiano, bangladeshiano, paquistanês, romeno ou russo, sendo definida, assim, na confluência de todos estes sons, a “*soundscape*” (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b) particular do lugar do Martim Moniz.

Perpassam, igualmente, no espaço público, odores mais ou menos fortes de várias proveniências. Do “cheiro-da-roupa-lavada” (pendurada das janelas ou varandas em pequenos estendais), ao desagradável “cheiro-a-lixo” (em alguns cantos menos ventilados e salubres), ao “cheiro-a-caril” (isto é, à mistura de especiarias usadas na cozinha de origem indiana), ao “cheiro-a-sândalo” (dos incensos a queimar em algumas lojas), ao “cheiro-a-almíscar” (nos dias sagrados para os muçulmanos), todos contribuem para a definição da “*smellscape*” (Fortuna, 1999a) peculiar deste local.

O sujeito invisual, embora já pudesse ter ouvido a eufonia de línguas estrangeiras noutros locais deste país ou do resto do mundo, poderia deduzir que estaria na zona do Martim Moniz, porque será, possivelmente, o único lugar em Lisboa em que todos os elementos acima descritos concorrem num mesmo local.

A *migrantscape* é, no entanto, também *global*, porque tal como a pessoa privada do sentido da visão possa ter ouvido a mesma mistura nas línguas faladas ou a mesma combinação de cheiros acres e adocicados noutros sítios ou cidades do mundo, constitui, assim, prova de que esta categoria da “*townscape*” pode ser encontrada em muitas outras

paisagens urbanas, em locais maiores ou menores, metrópoles ou pequenas vilas, na globalidade do resto do mundo urbano.

É, simultaneamente, homogénea porque, assim como as “lojas dos chineses” podem parecer às pessoas autóctones todas idênticas, considera-se a opinião, que existe uma certa homogeneização nestas “migrantscapes” urbanas. Ou seja, esta categoria, não só é observável em muitas outras cidades e locais do mundo, mas também parece mostrar um tipo de homogeneidade na sua aparência, em que as mercearias paquistanesas, as lojas chinesas ou as lojas de vestuário de revenda, não só se aparentam, como são reconhecíveis na sua identidade figurativa e organizacional comum, quase como um “*franchising*” de uma marca comercial, quer estejam em Lisboa no Martim Moniz, quer em Londres em Shoreditch, ou em Nova Iorque em Queens.

É como se essa mistura, apesar de representar culturas e povos de várias nações, se pudesse constituir como uma paisagem de uma só substância, como se fosse um conjunto das representações, uma antologia (Ribeiro, 2002: 75) ou uma colagem (Rowe e Koetter, 1984), a “*migrantscape*” autóctone de um país imaginário.

Neste país imaginário de fantasia, nas suas metrópoles, cidades, vilas e aldeias, nas suas avenidas, estradas, ruas, nas suas praças e largos, nas suas esquinas, cantos e becos, ouvir-se-ia e sentir-se-ia uma babilónia de línguas e odores, nas fachadas dos seus edifícios estariam representados todas as épocas e estilos arquitetónicos, despontariam lado a lado, nos vãos das suas portas e janelas, os dragões, os balões de papel, os pórticos em tons dourados e vermelhos, a publicidade em todas as cores do arco-íris estaria escrita em caracteres mandarins, *farsis* ou *urdus*, cirílicos ou latinos, a bandeira nacional pendurada teria todas as cores de todas as bandeiras de todos os países do mundo, nas montras das suas lojas, estariam amontoados ou arrumados nas prateleiras de estantes metálicas, pacotes de idêntico tamanho em plástico transparente e brilhante embrulhando túnicas, calças largas ou lenços em fibra de seda, algodão ou poliéster com “cheiro-a-naftalina”, os tachos e panelas de alumínio brilhante indianos, os “*wok*” e recipientes orientais em bambu-claro para cozer a vapor o arroz ou os *dim-sum*, vasos altos em cerâmica azul e branca, pálidas reinterpretações de um suposto estilo *ming*, cinzeiros de todos os tamanhos e feitos em metal, vidro, madeira ou plástico, estatuetas luminosas de todos os deuses e santos de todas as religiões, malas, maletas e bolsas com apliques brilhantes, em escuro áspero veludo ou

em colorida suave napa, caixas, caixinhas e caixotes em madeira de pinho, ao natural ou envernizada, canetas, lápis e borrachas, brincos e colares de fantasia. Cada restaurante daquele país, seria, mais ou menos, exótico no seu tema étnico e culinária condizente, *pakora, wonton, solyanka, vatapá, tabouleh, keng massaman, schnitzel, muzongué, tortilla, teriyaki, ayam pelalah, rognons de boeuf, golubtsy*, seriam servidos aos clientes em cada um. Nos seus supermercados, igualmente “etno-temáticos”, poderiam ser encontrados, na secção da mercearia, *petha, baingan, adrak, chiku, uglis, aboirana, sorva, knolkol*; no talho, a carne *halal, kosher, kutha* ou *chatka* estaria em exposição; na prateleira frigorífica, para além do leite de vaca, ovelha, cabra ou búfalo, o *ghee, magerquark* ou *sahnequark, tvorog, biezpiens, paneer, curd, clabber, crème fraîche, toufu* ou o *sour cream*, estariam arrumados em pacotes cilíndricos ou retangulares. Era um país composto por todas as nacionalidades do mundo.

O lugar do Martim Moniz e a *migrantscape* sendo deste modo, ambos locais e heterogéneos, globais e homogéneos, constituem-se também, por conseguinte, numa relação dual entre a infirmação e confirmação das teses sobre “o fim do contexto local” e a “globalização”, respetivamente.

Conclusões

No sentido de encontrar a resposta à questão inicial na qual a multiculturalidade, resultante da presença de grupos imigrantes na cidade, é vista como um possível fator acrescido na constituição, na formação e no desenvolvimento das paisagens urbanas e da imagem da cidade, observam-se alguns indicadores que atestam esta asserção. Através desta investigação de carácter teórico e empírico, em que se encontraram os elementos distintivos dessa multiculturalidade na paisagem urbana, é possível afirmar que os movimentos migratórios, para além de se configurarem como um dos maiores agentes para a mudança social, económica e espacial dos ambientes urbanos, são igualmente importantes para a configuração e transformação das paisagens urbanas e da imagem da cidade, constituindo assim uma *migrantscape* distinta. Esta, enquanto categoria da *townscape*, configura-se como o somatório e cruzamento dos elementos trazidos pelas novas

populações imigrantes, sobrepondo-se, imbricando-se e interligando-se, convivendo numa relação de conexão mútua com a paisagem urbana autóctone das cidades.

Em Lisboa, a zona do Martim Moniz, onde se concentra um número muito expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira, é, atualmente, uma das zonas mais representativas desta *migrantscape* na cidade, devido, não só à copresença e convivência destes grupos naquele lugar, mas também à grande diversidade social, étnica, cultural e geracional por eles gerada.

Ao nível empírico, principiouse por tentar compreender a configuração da paisagem urbana e a organização espacial e de usos daquela área, antes dos atuais grupos imigrantes ali se terem estabelecido. Ao longo de mais de oitocentos e cinquenta anos de ocupação urbana ininterrupta, em que passou de arrabalde semirrural da cidade murada no século XII, a um bairro denso e histórico do centro de Lisboa no século XXI, certas marcas estigmatizantes persistem associadas ao bairro da Mouraria. Estes sinais caracterizadores distintivos do bairro são apontados, não só pela população autóctone, mas também pela restante população da cidade. Com o objetivo de uma reabilitação urbana e de uma regeneração dos significados associados a aspetos negativos naquela zona, foi iniciado, em 2009, um Programa de Ação de responsabilidade municipal (no âmbito do QREN), que, justamente apostando na diversidade social, étnica, cultural e geracional presente na área, devido à comunidade imigrante que ali se estabeleceu comercial e residencialmente, visa reconverter os usos urbanos, tentando atrair mais investimentos para o aumento da exploração comercial, de lazer e turística, e uma revitalização social, ou seja, mais concretamente o rejuvenescimento da população do bairro, através de medidas urbanas e económicas que incentivem a vinda de famílias jovens, bem como a promoção das condições de vida dos residentes atuais, a fixação de outras atividades económicas e a visita de turistas nacionais e estrangeiros.

Esta transformação, com grande probabilidade de vir a ser concretizada, poderá ter efeitos perversos, como se verificou noutras experiências de renovação e revitalização de tecidos antigos, gerando uma gradual “*gentrification*” da população nacional e imigrante mais empobrecidas, afastadas por processos de especulação imobiliária desencadeados pela intervenção, assim como um crescimento de sentimentos e opiniões de carácter xenófobo em relação às populações imigrantes. Poder-se-á agravar, com efeito, o atual convívio marcado

por algumas tensões, observado entre as populações originais autóctones e as recentes alóctones, com fenómenos de exclusão social, associados aos processos de especulação urbana.

Em relação aos elementos morfológicos, sociais e simbólicos, resultantes da presença de grupos imigrantes, que configuram a imagem e paisagem urbana da zona em estudo, foram considerados dois pontos de vista na conceção da *migrantscape*. Um, mais objetivo, que tem sido explorado por autores como Cullen ([1961] 2008), Kruse (2004a, 2004b, 2009), Malheiros (2008), Menezes (2004, 2009), em que se consideraram os “elementos fixos”, tais como os elementos arquitetónicos originários dos países ou lugares de proveniência dos grupos imigrantes, nomeadamente, os locais de cultos religiosos por eles frequentados, a organização interna das habitações, pátios, janelas, varandas, jardins, assim como a presença de elementos decorativos, informativos ou publicitários, tais como dragões, balões de papel, pórticos em tons dourados e vermelhos, bandeiras de diversas nações, anúncios ou divulgação de serviços em variadas línguas, publicidade nas fachadas pintada à mão ou nas línguas originais, etc. Estes últimos elementos decorativos foram, principalmente, observados nos múltiplos estabelecimentos comerciais explorados por empresários imigrantes na zona em estudo.

No outro ponto de vista, mais subjetivo, foram ponderados os “elementos móveis” referidos por Appadurai (1996), Malheiros (2008), Menezes (2004, 2009), Park e Burgess ([1925] 1967), Ribeiro (1968) e Smith (2002), em que se integram as variadas formas de vestuário usadas por alguns dos indivíduos imigrantes naquela zona da cidade, os odores e os paladares das diversas comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo que se podem sentir pelas suas ruas e becos, as múltiplas sonoridades de línguas estrangeiras ou sotaques de todas as partes do mundo, a música e as diversas formas de expressão artística e cultural trazidas pelos imigrantes, as novas convivências e as interações sociais entre os grupos imigrantes e as populações nacionais, ou seja, as “*smellscapes*”, “*soundscape*” e “paisagens culturais” imigrantes, assinaladas por Fortuna (1999a, 1999b), Porteous (1985) e Schafer ([1977] 1993). Do ponto de vista simbólico, foi identificada uma alteração na nomeação daquela área da cidade, passando a ser mais referida pelos habitantes da cidade de Lisboa, visitantes e população alóctone do bairro, como Martim Moniz em vez de Mouraria, estando esse facto associado à alteração dos significados atribuídos à zona.

Embora não seja, aqui, o lugar para aprofundar a percepção por parte da população nacional face a esta mutação na paisagem urbana daquele bairro, e de que modo se processa a convivência e a interação entre as populações autóctones e alóctones, refira-se, sucintamente, que as entrevistas exploratórias e as em profundidade realizadas permitiram ressaltar alguns ressentimentos e/ou sentimentos menos positivos, tendo sido apontados como elementos mais perturbantes neste convívio, certos hábitos culturais, tais como o uso de véu pelas senhoras muçulmanas ou alguns elementos olfativos considerados como desagradáveis, particularmente o forte cheiro a especiarias culinárias, vulgo “caril”.

Penso que esta investigação poderá ser uma contribuição para o debate da importância dos movimentos migratórios para o desenvolvimento social, económico e espacial das cidades, pois, através de uma abordagem urbana e arquitetónica ao tema, o contributo será certamente útil, pois estes processos desenrolam-se, justamente, em ambiente urbano. Nesta análise encontrou-se mais um ponto de vista, o da paisagem urbana, interessante pela sua grande diversidade e riqueza de matizes que a configuram.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, A. (1996), *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa, Teorema.
- CANTER, D. (1977), *The psychology of Place*, London, Architectural Press.
- COSTA, A. F. D. (2002), “Identidades Culturais urbanas em época de Globalização”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17, 48, 15-30.
- CULLEN, G. ([1961] 2008), *A Paisagem Urbana*, Lisboa, Edições 70.
- FERREIRA, F. C.; J. S. CARVALHO [et al.] (1987), *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses.
- FONSECA, M. L. (2008a), “Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais”, in *Portugal: percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, 49-96.
- FORTUNA, C. (1999a), “Paisagens Olfactivas: a construção da cidade *trompe-nez*”, in C. Fortuna, *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta, pp. 93-102.

- (1999b), “Paisagens Sonoras: sonoridades e ambientes sociais urbanos”, in C. Fortuna, *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta, pp. 103-117.
- GEHL, J. (2010), *Cities for People*, Washington, Island Press.
- (2011), *Life Between Buildings: Using Public Space*, Washington, Island Press.
- GOITIA, F. C. ([1982] 2010), *Breve História do Urbanismo*, Lisboa, Editorial Presença.
- GOTTDIENER, M. (1994), *The New Urban Sociology*, New York, McGrawHill.
- GUERRA, I. (2008), “A cidade multicultural e multiétnica: gestão da diversidade e procura da democracia”, in *Portugal: percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, 97-118.
- HALL, E. T. ([1966] 1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d'Água.
- HIRSCH, E. (1995), “Introduction: Landscape: between place and space”, in E. Hirsch & M. O'Hanlon, *The anthropology of landscape: perspectives on place and space*, Oxford, Clarendon Press, pp. 1-30.
- KRASE, J. (2004a), “Seeing Community in a Multicultural Society: Theory and Practice”, in M. Mesia, *Perspectives of Multiculturalism – Western and Transitional Countries*, Zagreb, Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb, Croácia para a Comissão da UNESCO, pp. 151-177.
- (2004b), “Navigating Ethnic Vernacular Landscapes”. [Consult.a 2 de Junho de 2011]. Disponível em:
http://www.brooklynso.org/docs/Krase_NavigatingEthnicVernacularLandscapes.pdf.
- (2009), “A Visual Approach to Multiculturalism”, in G. B. Prato, *Beyond Multiculturalism: Views from Anthropology*, Surrey, Ashgate Publishing Limited, pp. 21-38.
- LEFEBVRE, H. ([1974] 1991), *The Production of Space*, Oxford, Blackwell Publishing.
- LINDEGAARD, V. M. L. (2008), “Português de Lisboa: ao que isto chegou...”. [Consult. a 27 de Setembro de 2011]. Disponível em:
<http://lindgaard.blogspot.com/2008/02/portugus-da-lisboa-ao-que-isto-chegou.html>.
- LOW, S. M.; LAWRENCE-ZÚÑIGA, D. (2003), “Locating Culture”, in S. M. Low & D. Lawrence-Zúñiga, *The anthropology of space and place: locating culture*, Malden USA, Oxford UK, Victoria Australia, Blackwell Publications, pp. 1-47.
- LYNCH, K. ([1960] 1996), *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70.
- MALHEIROS, J. (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in *Revista Migrações*, Número Temático Empreendedorismo Imigrante, 3, 139-164.

- MENEZES, M. (2004), *Mouraria, retalhos de um imaginário*, Oeiras, Celta Editora.
- (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa”, in *Horizontes Antropológicos*, 15, 32, 301-328.
- PARK, R. E.; E. W. BURGESS ([1925] 1967), *The City*, Chicago, University of Chicago Press.
- PIAGET, J. ([1947] 2004), *The Psychology of Intelligence*, London, New York, Routledge.
- PORTEOUS, D. (1985), “Smellscape”, in *Progress in Physical Geography*, 9, 3, 356-378.
- PÚBLICO. (2011), Guia do Lazer, [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-15 no endereço <http://lazer.publico.pt/default.asp?id=39>.
- QUIVY, R.; L. V. CAMPENHOUDT (1998), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- RIBEIRO, A. P. (2002), “Cidade e Política Cultural”, in *Seminário de Arquitectura Prototipo '01 Cidade em Performance*, D. S. Lopes e P. S. Lopes, Porto, Assírio e Alvim Editores, III, 74-76.
- RIBEIRO, O. (1968), *Mediterrâneo: Ambiente e Tradição*, Lisboa, FCG – Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIO, V. D. (2003), “Construindo o nosso lugar - intersecções entre o mundo interior e o ambiente”, in *Cadernos do ProArq*, 7, 7, 3-18.
- RODMAN, M. (1992), “Empowering Place: Multilocality and Multivocality”, in *American Anthropologist*, 94, 640-656.
- ROSEMAN, C.; LAUX, H. D. [et al.] (1996), “Introduction”, in C. Roseman, H. D. Laux & G. Thieme, *Ethnicity: Geographic Perspectives on Ethnic Change in Modern Cities*, Lanham, London, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., vii - xxviii.
- ROWE, C.; KOETTER, F. (1984), *Collage City*, Cambridge, Londres, The MIT Press.
- SCHAFFER, R. M. ([1977] 1993), *The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world*, USA, Destiny Books.
- SCHETTER, C. (2005), “Ethnoscapes, National Territorialisation, and the Afghan War”, in *Geopolitics*, 10, 1, 50-75.
- SMITH, A. D. ([1988] 2002), *The Ethnic origins of nations*, Oxford UK, Basil Blackwell.
- TIRYAKIAN, E. A. (2003), “Assessing Multiculturalism Theoretically: E Pluribus Unum, Sic et Non”, in *International Journal on Multicultural Societies – UNESCO*, 5, 1, 20-39.
- ZUKIN, S. (1996), “Space and Symbols in an Age of Decline”, in A. D. King, *Re-presenting the City*, London, MacMillan, pp. 43-59.

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

Abstract

Space is the Place: The Martim Moniz in Lisbon's Migrantscape

Martim Moniz is currently one of Lisbon's zones defined by its social, ethnic, cultural and population diversity, supporting an expressive number of residents and works of foreign origin.

The migration movements are an important element in the development and transformation of specific urban areas as a relevant agent of social, economical and spatial change. This analysis will attempt to showcase the affectation of such change in the urban landscape – permanent and transient – and in the image of the city. The Martim Moniz area, emerge as a visible stage of Lisbon's “*migrantscape*”.

Keywords: Immigration; Martim Moniz; *Migrantscape*; Townscape.

Résumé

L'espace est le lieu: Le Moniz Martim à Lisbonne Migrantscape

Martim Moniz est actuellement unes des zones de ville de Lisbonne marquée par la diversité social, ethnique, culturel et de génération, une fois qu'ici on trouve un numéro expressif de résidents et immigrants d'origine étrangère. Les mouvements migratoires constituent un trace remarquable au niveau du développement et transformation urbaines dans quelques zones de la ville de Lisbonne, et donc un des plus importants agents pour le changement sociale, économique et espaciale. Cette analyse prétende démontrer que ces changements s'étendent également au paysage urbain (physique et mobile) et à l'image de la ville. La zone du Martim Moniz, emerge comme un des plateaux de la vibrante "*migrantscape*" à la ville de Lisbonne.

Mots-clés: Immigration; Martim Moniz; *Migrantscape*; Townscape.

Resumen

El espacio es el lugar: El Martín Moniz en la Migrantscape de Lisboa

Martim Moniz es actualmente una de las zonas de la ciudad de Lisboa marcadas por la diversidad social, étnica, cultural y generacional, ya que aquí se concentra un número significativo de residentes y trabajadores inmigrantes de origen extranjero. Los movimientos migratorios

constituyen un factor muy importante en el crecimiento urbano y en la transformación urbana. Se configura así como uno de los mayores agentes de cambio social, económico y espacial. Este análisis pretende demostrar que esas alteraciones se extienden igualmente al paisaje urbano (físico y móvil) y a la imagen de la ciudad. La zona de Martim Moniz emerge como uno de los escenarios, quizás el más visible, del vibrante *migrantscape* en la ciudad de Lisboa.

Palabras-clave: Inmigración; Martim Moniz; *Migrantscape*; Multiculturalismo; Paisaje urbano.